

# **O MUNDO NO SERTÃO DO CARIRI:**

## **PROCESSOS SOCIAIS E SIMBÓLICOS EM DOIS GRUPOS RELIGIOSOS**

Joaquim Izidro do Nascimento Junior

### **Introdução**

Tenho como ponto de partida a etnografia de dois grupos religiosos (Associação Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco) fundados no ano de 1942, na cidade de Juazeiro do Norte/CE. São grupos constituídos por leigos e estão organizados de acordo com normas da Congregação Italiana dos Padres Salesianos. Investigo como os aspectos sociais e simbólicos são produzidos entre os membros dos grupos e a instituição religiosa dos Salesianos; e como esses aspectos estão relacionados com a cidade de Juazeiro do Norte, um dos mais importantes centros religiosos de peregrinação no Brasil. Preocupo-me em saber como uma prática religiosa se torna, ela mesma, parte enraizada de um lugar, levando em conta a existência de deslocamentos de sentidos e significação (CAMPOS, 2008).

Tratarei dos deslocamentos de sentidos e significação, do qual nos fala Roberta Campos, como situações externas que influenciam na dinâmica interna dos muitos grupos da cidade. Como exemplo externo, a Congregação Salesiana chega a Juazeiro do Norte no ano de 1939, trazendo consigo uma prática religiosa inspirada em seu fundador João Bosco. A chegada dos salesianos à Juazeiro só foi possível graças ao empenho do Padre Cícero, que durante os últimos anos de sua vida estabeleceu vários diálogos com os superiores da congregação, a fim de convencê-los a levar sua obra para Juazeiro. O padre percebia nessa vinda, a possibilidade de reatar seu vínculo com a Igreja Romana. Mas exatamente por conta das dificuldades enfrentadas pelo padre junto a Instituição Católica, a congregação recuou da decisão. Somente cinco anos após o falecimento do padre, a Congregação Salesiana chega à Juazeiro para implantar sua obra religiosa.

A nova prática religiosa trazida pelos salesianos pode ser ilustrada por um trabalho apostólico que visa o cuidado especial com crianças e jovens e pela devoção à novos santos salesianos oficializados pela Igreja, que sugerem um estilo de vida em sintonia com os objetivos da Congregação. Para alcançar essas práticas, há um controle da congregação quanto ao funcionamento dos grupos de leigos espalhados pelo mundo. É nessa tentativa de controle, exercido pelos salesianos, que associados, líderes, padres e superiores

performam relações sociais e simbólicas que evocam um Juazeiro específico. O enraizamento da prática religiosa em Juazeiro recebe novos “deslocamentos de sentidos e significação”. Os dados desse trabalho (parte da pesquisa de minha dissertação de mestrado) dão conta que há negociações entre os envolvidos, seja na escolha dos nomes dos grupos, seja nas devoções italianas sugeridas, seja na vivência de um “espírito salesiano”; em todos esses casos, um Juazeiro geográfico e simbólico se destaca.

Defendo que há um vínculo de pertencimento com o lugar Juazeiro do Norte, os moradores (na grande maioria romeiros e descendentes) desempenham “uma busca de sentido e verdade que é centrípeta<sup>1</sup> para o interior dela mesma, posto que ela é a Terra que o Eterno prometeu, onde a nação começou e onde tudo se consumará” (CAMPOS, 2008, p.146). A vida foi construída nesse chão e pra ele deve retornar. Trago as formas de morrer como maior exemplo desse vínculo definitivo com um Juazeiro *sagrado*, construído por seus próprios moradores (CAMPOS, 2008; BARBOSA, 2007). Os dois grupos mantêm um jazigo coletivo no principal cemitério da cidade, esta situação social específica cria valores sociais e simbólicos que ilustram os laços entre pessoas e lugar.

### **Juazeiro do Norte**

A cidade está localizada no extremo sul do estado do Ceará, região do Cariri, e conta com uma população de quase 250.000 habitantes<sup>2</sup>. A população de Juazeiro é constituída, em sua grande maioria, por romeiros e descendentes que “passam a morar, viver e morrer na cidade... e assim, também se enraízam lá (CAMPOS, 2008, p. 146). A etnografia realizada com os associados demonstra o nosso interesse em dar ênfase à organização interna dos grupos juazeirenses como forma de perceber a multiplicidade de pontos de vistas dos associados participantes (CAMPOS, 2008; BARBOSA, 2007).

O propósito de focar as falas dos moradores como sendo fundamentais na interpretação da cidade de Juazeiro, confirma um enfoque diferenciado nos estudos antropológicos. O fenômeno popular das romarias sempre foi um campo fértil para o desenvolvimento de diversas pesquisas acadêmicas, muitas dessas realizadas no âmbito das Ciências Sociais. Os aspectos abordados nessas pesquisas são de diversas ordens, principalmente no que se referem a essas romarias, fenômeno que desperta a devoção de milhares de pessoas em todo o Brasil (especialmente do nordeste); e também em temáticas ligadas à figura polêmica do Padre Cícero Romão Batista, fundador da cidade<sup>3</sup>. Em menor quantidade, vamos encontrar estudos que buscam privilegiar as falas de moradores e

romeiros, que revelam um lugar importante na reflexão de temas como religião, cultura, identidade, etc. Os diversos trabalhos publicados por Roberta Campos<sup>4</sup>, destacando a etnografia do grupo de penitentes “Ave de Jesus”, são pioneiros na área e servem como pano de fundo teórico desse trabalho. Acredito, assim com Roberta, que é “imprescindível levar a sério o que o nativo nos diz, e não simplesmente traduzir o que é absurdo para nós como metáforas” (CAMPOS, 2009, p. 33). A obra *O joazeiro celeste*, de Francisco Salatiel Barbosa, também privilegia o “multiforme ponto de vista romeiro”, partindo “do pressuposto de que o romeiro tem os seus modos de ver, entender e até escrever a sua história. Ele também faz parte do processo de construção, não apenas absorve mecanicamente os dados da tradição religiosa subjacente à sua visão do mundo da vida. Ele constrói e reconstrói, lê e relê, recebe e transforma. É também um produtor, fazedor, construtor de mundos” (BARBOSA, 2007, p. 20). Ainda que nesse trabalho não tenhamos como foco os romeiros, esse ponto de vista nos parece fundamental para nossa compreensão do lugar e suas relações.

As raízes dessa religiosidade são encontradas na história da região do Cariri, lugar propício ao surgimento de líderes religiosos como os padres Ibiapina e Cícero Romão Batista, figuras que marcaram a constituição de um *ethos* religioso, alimentado constantemente pela existência de irmandades e associações religiosas. Os dados históricos nos revelam a formação desse *ethos*, através das missões de religiosos estrangeiros no período do Brasil Colônia e da trajetória de Cícero Romão, figura fundamental na fundação de Juazeiro. No final de sua vida, Padre Cícero se empenha em trazer para Juazeiro do Norte a congregação italiana dos padres salesiana. O sonho do padre só é realizado no ano de 1939, cinco anos após o seu falecimento.

Os primeiros associados, convidados para integrarem as associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, receberam o convite do próprio Padre Agra (primeiro diretor salesiano de Juazeiro do Norte, entre 1939-1944), que se deslocou para as casas dos devotos de Padre Cícero. Houve um esforço dos salesianos em “modificar pacientemente convicções e vivências”, transformar devoções, vivenciar as normas da Igreja Católica, modificar a posição da pedra angular fincada no coração de Juazeiro. As novas sementes salesianas foram lançadas em dezenas de famílias na cidade e se misturam às árvores regadas pelas águas da penitência, piedade e misericórdia. Percebemos relações entre o episódio do milagre<sup>5</sup> e a intenção dos salesianos em combater as crendices do povo, mas esse combate é resignificado pelos associados e em muitos casos, os associados juntam os

padres italianos às suas crenças e não os consideraram reformadores. Ao longo de quase setenta anos, os padres salesianos conseguiram influenciar muitas gerações, fortalecendo as devoções de Bosco e Auxiliadora e clareando os tons fortes das práticas religiosas tradicionais, mas não conseguiram apagar da memória que o sofrimento é o caminho para alcançar a salvação. Essa salvação está no chão de Juazeiro de Norte.

Com os salesianos iremos identificar uma vivência diferenciada da fé católica, bem mais próxima dos moldes institucionais. Diante desses elementos, as associações religiosas modificam-se, reinventam-se, criam e recriam seus cotidianos; mas suas raízes ainda estão conservadas pelos mais velhos, em muitos casos estão bem vivas e produtivas. As associações religiosas são retratadas aqui como espaços que unem, ao mesmo tempo, aspectos tradicionais e contemporâneos, apreendidos e modificados no cotidiano desses indivíduos.

Essa mesma pluralidade se configura como desafio para a adaptação desses grupos no tempo atual, quando o “secularismo” não foi capaz de proporcionar a decadência da religião, mas transformou costumes que (re) configuram uma nova situação (BERGER, 2005). As associações religiosas são espaços que revela a possibilidade de elementos constitutivos de diversas ordens, numa adaptação aos novos tempos, mas também numa vitalidade de preservação de ideais e valores tradicionais (moralidade campesina). Entendendo que a cultura nomeia e distingue “a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos” (SAHLINS, 1997), partilho da idéia que os grupos religiosos organizam suas práticas culturais de acordo com suas tradições e suas visões de mundo, que também incorporam “a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão”, já que “as pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado” (SAHLINS, 1997, p.48).

## **O Jazigo**

No cemitério de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cravado no coração da cidade de Juazeiro do Norte, foi construído um jazigo<sup>6</sup> no ano de 1956. Os integrantes das duas associações religiosas decidiram por um lugar comum no momento da morte. Os alicerces desse jazigo tocam uma cidade considerada sagrada, destino de muitos romeiros e descendentes que decidiram permanecer nesse chão. Nesse mesmo cemitério, há quase setenta e sete anos, foi sepultado o Padre Cícero Romão Batista, lembrado com frequência nas falas e depoimentos dos associados, confirmando a relação ainda presente entre

Padrinho e afilhados. Sobre a existência do jazigo e as relações em torno dele, observamos que ele representa para muitos associados o repouso ao lado das crenças que motivaram suas vidas. Isso nos faz recordar a preocupação de Geertz, em *Interpretação das Culturas* (1989), com a análise da religião a partir da dimensão cultural. De acordo com o autor, os símbolos (e nesse caso falamos do jazigo) “funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo” (GEERTZ 1989, p.104). Geertz traz, também, a problemática do sofrimento enquanto problema religioso; para o autor, “o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer” (GEERTZ 1989, p.119). O jazigo das associações simboliza um estilo de vida e tornou-se parte de uma crença cultivada nos grupos: ser sepultado nesse jazigo representa, para muitos, vínculos com o Padre Cícero ou com a família salesiana. O jazigo também está ligado ao sofrimento; se a religião ensina a sofrer, ser sepultado nesse espaço representa coroar uma vida repleta dele.

Podemos, também, usar Appadurai, que nos alerta para voltar nossos “olhares sobre os modos como desejo e demanda, sacrifício recíproco e poder interagem para criar o valor econômico em situações sociais específicas” (APPADURAI, 2008, p. 16). Assegurar um lugar no jazigo das associações salesianas implica, também, em efetuar um pagamento mensal. Há uma necessidade de se ter um lugar para o sepultamento, a maioria dos associados não dispõem de um túmulo, é um investimento alto e o pagamento através das associações torna possível uma necessidade básica a um custo acessível. Há, então, um desejo e uma demanda e isso exige algum tipo de sacrifício, esse sacrifício gera um valor econômico que possibilita o uso do jazigo pelo associado e pelos familiares. Contudo, é importante colocarmos que o valor econômico não se contrapõe à cosmologia e aos sentidos sagrados do lugar Juazeiro do Norte; é antes de tudo um elemento que integra uma rede de relações pautada pelos sentidos religiosos, que movem pessoas.

Em 1997 a Associação Nossa Senhora Auxiliadora ganha status de ser participante da “família salesiana”, mas somente no ano 2000 é iniciada essa mudança burocrática. Isto significou o reconhecimento oficial da Congregação Salesiana e do Vaticano, gerando a elaboração de um regulamento associativo a ser seguido em todo o mundo. A associação em Juazeiro do Norte, que se chamava “Associação Nossa Senhora Auxiliadora”, passa a

ter o nome oficial de “Associação de Maria Auxiliadora”, ou ADMA, nome que identifica a Associação Primária de Turim, Itália, fundada no final do século XIX. Em nenhuma das filiais existe relação estabelecida com um jazigo, somente em Juazeiro do Norte. Quando os padres superiores da Inspeção Salesiana do Nordeste tomaram conhecimento da situação, tensões foram geradas quanto aos objetivos que constam no regulamento oficial. Essa proximidade com a Congregação Salesiana faz da Associação Nossa Senhora Auxiliadora mais moldável às ações institucionais, o que faz com que o grupo seja alvo de um maior controle.

Já na Associação São João Bosco, as relações estabelecidas com o jazigo são bem mais fortes. Há um empenho do presidente, há quase trinta anos ocupando o cargo, em proporcionar melhorias na assistência funerária dos associados, além disso, o perfil do presidente não permite uma subordinação à Congregação Salesiana. Outro elemento que interfere em sua constituição é o fato de Juazeiro do Norte ser o único lugar, ocupado pelos salesianos, onde existe a Associação São João Bosco, o que permite ao grupo certa independência com relação à construção do próprio estatuto. Todas essas características provocam tensões nas relações entre líder e congregação. Acreditamos que a representação do jazigo, para maioria dos associados de João Bosco, aproxima-se mais das práticas religiosas constitutivas fundantes de Juazeiro, bem mais do que a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, pelos motivos já expressos.

## **Conclusão**

Para Marshall Sahlins (1997), “a cultura não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal [...] de todas as ciências humanas” (SAHLINS, p. 41), o autor defende que só ela é capaz de nomear e distinguir “a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos”; e ainda: “as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados”. Ao longo de quase setenta anos, as Associações Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco organizaram suas práticas culturais de acordo com suas visões de mundo. Esse mundo partilhado pelos associados não é homogêneo e não obedece a nenhum script, ele é antes de tudo permeado de “moralidade e [...] emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão” (Ibid, p.48), que é diverso e múltiplo. Se o mundo é ensinado, apreendê-lo significa escolher caminhos e trilhá-los durante a existência, nesses caminhos, as associações religiosas modificaram-se, reinventaram-se, criaram e recriaram seus

cotidianos. As raízes de um Juazeiro antigo se misturam a novos elementos urbanos e geram processos de transmissão. As associações religiosas devem ser compreendidas aqui como espaços que unem, ao mesmo tempo, aspectos tradicionais e contemporâneos, apreendidos e modificados no cotidiano desses indivíduos.

Juazeiro do Norte não se resume aos aspectos religiosos, é bem verdade. A segunda maior cidade do estado do Ceará cresce a passos largos ano após ano<sup>7</sup> e modifica constantemente seu cenário urbano, gerando uma diversidade de formas e conteúdos culturais. Nesse trabalho, privilegiamos as transformações que tocam o caráter religioso da cidade, optando pelos elementos que fizeram de Juazeiro um dos maiores centros de peregrinação do Brasil. Essas transformações, nesse ambiente católico, são evidenciadas nas relações dos atores locais com a Igreja Católica Apostólica Romana. No final de sua vida, o Padre Cícero estabeleceu vários contatos com os padres salesianos, convidando-os para fundarem sua obra na cidade e buscando ajuda para sua situação diante da Igreja Romana. Consideramos que a presença dos padres salesianos, em Juazeiro, traduz o desejo irreparável do padre Cícero em fazer as pazes com Roma. Cícero alimentava a preocupação em ser aceito pela Igreja, não como pastor de um povo fanático, e sim como um servo obediente e fiel a um Catolicismo Institucional Romano. Abaixo, trecho de uma carta enviada pelo Padre Cícero, em 1925, ao então Inspetor Salesiano Padre Pedro Rota, amigo e principal apoio nessa busca de Cícero. No breve texto, Cícero demonstra preocupação com a transferência do salesiano para Itália, estava se esvaindo suas últimas esperanças de conseguir sua reconciliação com a Igreja:

Vejo que a sua retirada do Brasil a todos os seus amigos vos causa muitas saudades e a mais uma falta irreparável. De fato, com quem posso eu contar, d'ora em diante, para tão desejada solução do caso mais importante da minha vida, já em seu último quartel, se em torno de mim só enxergo, só percebo má vontade, que parece, cada vez mais agravante (SILVA, 1989, p.70).

O Padre Cícero morre em 1934 sem conseguir realizar o sonho da reconciliação. Com a morte do padrinho de Juazeiro, os salesianos chegam para erguer sua instituição italiana em solo caririense. A mesma sensação de Roma, com relação aos habitantes de Juazeiro, é reproduzida pelos primeiros salesianos, como podemos perceber nas idéias do Padre Carlos Leônico, transcritas por Azzi (2003):

Não vou falar propriamente dos antecedentes deste rumoroso caso de fanatismo religioso do nordeste, donde emerge a figura já hoje lendária deste sacerdote, e que perdura ainda nos remanescentes devotos e afilhados do Padim Ciço [sic] (AZZI, 2003, p.371).

E ainda por ocasião de sua visita à Juazeiro:

Ainda estava bem vivo o fanatismo religioso, agora para os padres do 'Padim Ciço' [sic]. Não podia eu sair de casa sem acompanhamento de homens e mulheres que não só queriam beijar-me as mãos, de joelhos, mas até a batina, pedindo bênção. (Ibid, p.371)

A Igreja Romana se fez presente em Juazeiro por intermédio da Congregação Salesiana e combate as práticas religiosas locais com base em normas e leis canônicas. Acompanhamos o conflito entre o Bispo salesiano e a presidente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, conflito este, motivado pela revelação de que havia um benefício funerário para as associadas. Tais informações preocuparam o Bispo e as imagens desse Juazeiro “fanático” devem ter ressurgido mais uma vez. Mas há limites impostos a essa romanização, e eles se fazem nas relações dos associados em seus espaços de convívio. Para eles é possível estarem nas associações em companhia de muitos santos e ao mesmo tempo desfrutarem do direito do jazigo, não há contradições como poderia acreditar um eclesiástico. Nesse espaço há uma comunhão possível entre o material e o imaterial. O jazigo não é apenas um lugar desejado pelos que não tem um “buraco pra se enterrar” [sic]<sup>8</sup>, esse desejo impulsiona sacrifícios que, por sua vez, gera um valor econômico (APPADURAI, 2008). Mas não é só um valor econômico que atrai essas pessoas, o jazigo também é um símbolo que revela a organização de suas próprias experiências humanas e, enquanto símbolo, traduz valores e significados. Nas associações Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco, o jazigo sintetiza o *ethos* de um povo e sua visão de mundo (GEERTZ 1989). Os membros sempre recriam, à sua maneira, suas crenças e práticas de forma relativamente independente dos líderes, ainda que sempre em relação a eles. Tudo se mistura e isso não representa transgredir normas, essas diferenças se encontram quando a presidente, diante do Bispo, afirma que manter o plano é necessário à caridade. Essas dimensões se comunicam quando associados elegem santos, reconhecidos por Roma, como guias de suas vidas.

Após Dona Chiquinha enumerar vários santos de sua devoção, perguntamos se ela também tinha devoção ao Padre Cícero. Chiquinha respondeu: “Tenho também. A pessoa

morou em Juazeiro e não teve devoção ao Padre Cícero, impossível, né [sic]?” A resposta de Dona Chiquinha nos faz concluir que a cidade de Juazeiro do Norte incorpora uma religiosidade além dos nomes. Não citar o nome do Padre Cícero não significa dizer que sua presença não interfere nas famílias com lembranças, cantos, rezas, quadros, etc. Perguntada sobre sua devoção ao Padre Cícero, Maria Suzete responde, reproduzindo algumas idéias sustentadas pela Igreja Romana e pelos Salesianos:

Sobre o Padre Cícero, eu tenho muito amor por ele, eu sei o quanto ele é importante na nossa cidade, mas eu não tenho muita devoção a ele. Porque é assim, a vida do Padre Cícero, às vezes a gente vê tanto fanatismo, não é? E eu não tenho, assim, fanatismo. Eu gosto, eu amo, mas, tudo comum.

Em muitas entrevistas, com os devotos de Auxiliadora e Bosco, o nome do Padre Cícero não era mencionando num primeiro momento, isso demonstra tentativas da Igreja Romana em apagar essa referência, mas não significa dizer que o padre não está presente na imagem transcendente de um Juazeiro santo, partilhada também pelos associados. A figura do padre está enraizada na maioria das famílias, nas gerações passadas e também presentes, ligadas a uma forma de crer, muitos associados são firmes nessa devoção. Defendemos que há um elo entre o Padre Cícero e os associados, esse elo é materializado no jazigo. Com isso não afirmamos que há consciência desse vínculo entre os associados, mas antes de tudo, ele se faz por meio de uma crença criada e regada ao longo do tempo e se tornou parte substancial do lugar.

Essa crença juazeirense é composta de imagens e situações que evocam, em nosso caso, um desejo católico de piedade e misericórdia (CAMPOS, 2008). Esses sentimentos estão presentes nas falas e ações dos associados, assim eles se revelam nesse *ethos* que permeia muito da religiosidade e da identidade do lugar, por mais que a cidade não seja só religião. Os primeiros missionários, enviados pela Igreja romana, chegaram ao Cariri cearense determinados a salvar almas, que eles consideravam quase perdidas. As imagens desse cenário apocalíptico foram conduzidas em nome da mesma piedade e misericórdia, afinal de contas eles acreditavam serem canais divinos predestinados a salvar multidões antes da chegada do fim do mundo. Ibiapina cruzou os sertões movido pela piedade e misericórdia para com os sofrendores sedentos de pão e assistência. A força do padre, movido pelo desejo de servir, realizou diversas obras sociais, concluindo com êxito sua missão divina.

A mesma piedade e misericórdia foram reveladas num sonho em que “um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente... Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros... Vestidos de farrapos”. Nas palavras de Cristo, diante dos flagelados, uma ordem: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”<sup>9</sup>. O recém ordenado padre, movido pela força da piedade e misericórdia, escolheu Juazeiro para concretizar o sonho profético e tornar-se padrinho, santo e Deus, de um povo sedento de proteção.

Deus, na interpretação dos homens, agiu com piedade e misericórdia com seus filhos que sofriam e morriam com a falta de água, enviando uma prova material de sua presença. Prova esta, materializada em sangue na boca de uma beata pobre, pelas mãos do piedoso e misericordioso Padre Cícero.

Era preciso ser piedoso e misericordioso diante do sofrimento e esse estado, que rouba forças e abafa a vida, é também outro elemento que teve “papel fundamental na produção do sagrado em Juazeiro do Norte” (CAMPOS, 2007) e está ligado aos dois primeiros. O padre, convicto de sua missão junto à sua Santa Igreja Católica, recebeu o fardo de uma suspensão. Durante toda a vida buscou se reconciliar com a sua Igreja romana, que lhe virou às costas. Seu Noé, associado de São João Bosco, entende o sofrimento vivenciado pelo Padre Cícero:

Quando o pade ciço foi excomungado, ele chegou em Roma, ele foi sofrendo embaixo do porão do navio, sofrendo no canto mais ruim do mundo. Ele chegou lá em Roma, como um criminoso, como um ladrão. Aí o papa... (pensando) Pio XII... Era, nera [sic]? Acho que era Pio XII naquele tempo, nera [sic]? Aí disse: Agora, pade Ciço, você vai abrir aquela porta, uma porta que abra de cem em cem ano [sic]. Aí pade Ciço: Eu vou vê. Por milagre da Mãe de Deus, aí (barulho como se abrisse a porta), oxê, aí pade Ciço foi obisuvido [sic]. Aí abriro [sic] o baú, pade Ciço, aí quando abriro [sic] o baú era os papé [sic] tudo guardado e o Pade Ciço sofrendo inocente, tava em Roma como um criminoso.

Ao mesmo tempo, milhares de pessoas chegam de todos os lugares para a terra prometida. Marcados pelo sofrimento, famílias inteiras encontram piedade e misericórdia no acolhimento do velho padre. Envolvidas pelos mesmos sentimentos, muitos pedem pra ficar e reconstruir suas vidas nesse lugar santificado. Juazeiro cresce respirando piedade e misericórdia.

No final de sua vida, Padre Cícero busca piedade e misericórdia nos representantes da Igreja, são as últimas tentativas de reconciliação antes da morte. Não conseguindo realizar seus desejos, Cícero roga para os “bons e verdadeiros servos de Deus, os padres

salesianos” para que façam a “caridade” de instituir “nesta terra uma obra completa”<sup>10</sup>.

Os padres salesianos pisam o chão de Juazeiro à luz da frase de seu fundador João Bosco: “O Senhor colocou-nos nesse mundo para os outros”. Diante da fama de um Juazeiro repleto de sertanejos fanáticos, os salesianos precisam vivenciar a piedade e a misericórdia para com eles. Os motivam a participar das associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, numa vivência das novas devoções.

Foi com piedade e misericórdia que, os então presidentes, Joaquim Cordeiro e Dona Ritinha se empenharam na construção de um jazigo comum para as duas associações. Os presidentes atenderam a um chamado para que dedicassem seu tempo aos outros, numa demonstração de piedade e misericórdia. Cuidar do outro num momento de sofrimento, como é o instante da morte, passa a ser um compromisso nobre. Muitos outros que vieram após estes, também responderam à missão com um sim.

As associações foram organizadas através de estatutos, as normas definiam deveres e direitos dos associados, o direito material era de ter um lugar para serem sepultados. O lugar, onde foi erguido o jazigo é o mesmo onde o piedoso e misericordioso Padre Cícero está sepultado. Mesmo considerando o jazigo como sendo a materialização do elo entre o Padre Cícero e os associados, acreditamos que esse elo transcende essa materialização, ele atinge desde as motivações dos primeiros missionários até aqueles associados que não possuem devoção ao padre Cícero. O elo consiste na incorporação de uma religiosidade que toca um Juazeiro santo e sagrado na mente das pessoas. As pessoas se movem por esse sentimento, mesmo que o vinculem a nomes diversos.

A Igreja Católica Apostólica Romana está presente em toda nossa explanação, começando pelos missionários, passando pelo Padre Cícero e a Congregação Salesiana e terminando nas associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Em todas essas etapas houve interferências e tentativas de fazer valer sua força enquanto instituição modelo de poder. Agiu em situações como: a catequese no novo mundo, a romanização de práticas populares, o controle diante da interpretação dos milagres em Juazeiro, as punições aplicadas ao Padre Cícero, a chegada dos salesianos na América do Sul e no Brasil e a aprovação do estatuto da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA). Todos esses acontecimentos modificaram e resignificaram as práticas religiosas na cidade de Juazeiro do Norte, mas ao mesmo tempo não conseguiram apagá-las. O jazigo, além de ligar o patriarca de Juazeiro às associações, é a prova de que essa *religiosidade etérea* foge do controle da Igreja Católica e busca outras formas de sobreviver.

As novas gerações não estão nas associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, esses grupos são, há muito tempo, ambientes de idosos. Acredito que, no caso da Associação São João Bosco, alguns filhos ou netos sejam beneficiados com o plano funerário, mas eles nunca participam das reuniões mensais. Os mais jovens das associações talvez sejam os próprios presidentes, eles sabem da importância de suas escolhas naquele espaço, o que os move é ainda a piedade e a misericórdia, elas abrandam o sofrimento dos outros. Se poucos jovens, futuramente, sentirem-se chamados para atuar nesses dois grupos, os grupos não se acabarão, irão continuar porque outros idosos esperarão por isso.

Se existe, assim como acreditamos, um sentido religioso que habita e age sobre Juazeiro do Norte, deve haver nesse chão, resquícios de piedade, misericórdia e sofrimento que se impregnam em muitos que lá estão e, também, nas mochilas amarrotadas de alguns viajantes que deixam a cidade. Ainda que as novas gerações estejam mais distantes das práticas religiosas iniciais, há algo que ainda move e tenta conexão com a vida que habitou o lugar. No ano passado, após realizar as pesquisas de campo para a dissertação, uma situação me chamou bastante atenção. Abri minha carteira de bolso (velha e despedaçada) e tomei um susto quando percebi que carregava comigo há anos fotos de São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, havia naturalizado isso. Mesmo que eu pense em comprar uma carteira nova e guardar as fotos em outro lugar, talvez os resquícios do chão de Juazeiro me induzam a encontrar outras formas de agir. Sinto que acabo de concluir uma dessas ações.

## Notas

<sup>1</sup>. A idéia de uma “busca de sentido e verdade que é centrípeta” foi usada por Roberta Campos em referência feita à Rita Segato (1999) no artigo: “El vacío y su frontera: La búsqueda Del outro lado em dos textos argentinos”. *Série Antropológica*, nº 257: s/p.

<sup>2</sup>. 249.829 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Estimativa da população em 2009. Nessa mesma estimativa, Juazeiro é considerado a segunda maior cidade do estado do Ceará.

<sup>3</sup>. São muitas as obras que tratam das polêmicas ligadas ao Padre Cícero. As controvérsias interferiram nos ânimos de diversos autores locais, em sua maioria figuras ligadas à igreja, que dividiram-se em duas alas: os pós e os contra (SILVEIRA, 1976 apud BARBOSA, 2007, p.160). Cito algumas das diversas obras bem catalogadas por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, em seu livro *O Joazeiro Celeste* (2007): *Apostolado do Embuste* (1956), de Padre Antonio Gomes; *Padre Cícero: mito e realidade* (1968), de Otacílio Anselmo; *Joazeiro do Cariry* (1913), de Padre Alencar Peixoto e Padre Cícero. *O Santo de Juazeiro* (1946), de Edmar Morel, são alguns exemplos de autores que se colocava nessas duas alas. Destaco também *O Padre Cícero que conheci* (1969), de Amália Xavier, amiga íntima do padre. Na década de setenta surgem obras que buscam neutralidade nos conflitos, e *Milagre em Joazeiro* (1976), de Ralph Della Cava, obra importantíssima e relevante na compreensão política e social da cidade. A obra *A terra da mãe de Deus* (1988), de Luitgarde Oliveira Barros, enfoca a organização religiosa como estrutura social e também é usada nesse trabalho.

<sup>4</sup>. Destaco aqui: Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar (2008); Contaçon de “causos” e negociação da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte-CE (2009); e Nossa Senhora andou por Juazeiro do Norte: explorando critérios de validação nos milagres e “causos” de Juazeiro do Norte-CE (2003). Ver a bibliografia em detalhes.

<sup>5</sup>. Na primeira sexta-feira de cada mês, sob a responsabilidade da irmandade do Sagrado Coração de Jesus, se fazia a “comunhão reparadora”. Na primeira sexta-feira do mês de março de 1889, um evento irá marcar para sempre o vilarejo. A hóstia recebida pela beata Maria de Araújo se transforma em sangue.

<sup>6</sup>. Refiro-me a jazigo como uma construção destinada a abrigar diversos túmulos individuais. O jazigo em questão possui uma pequena capela na frente, nos seus fundos um apertado corredor subterrâneo (6 metros de comprimento por 2 metros de largura) com 32 túmulos individuais espalhados nas duas paredes, 16 de cada lado.

<sup>7</sup>. Censo IBGE 2010: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

<sup>8</sup>. Frase proferida por José Pimentel, associado de São João Bosco.

<sup>9</sup>. Frases que relatam o sonho do Padre Cícero, retiradas de DELLA CAVA, 1985, p.26.

<sup>10</sup>. Frases do testamento do Padre Cícero, retirado de SILVA, 1982, p.328-329.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

AUGÉ, Marc. O Sentido dos outros: Atualidade da antropologia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

AZZI, Riolando. A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol I. São Paulo: Editora salesiana, 2000.

\_\_\_\_\_. A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol II. São Paulo: Editora salesiana, 2002.

\_\_\_\_\_. A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol III. São Paulo: Editora salesiana, 2003.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. O Joaseiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Pe.Cícero. Coleção de Antropologia: Movimentos religiosos no mundo contemporâneo. São Paulo: Attor, 2007.

BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barro. A terra da mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte. Brasília: Livraria Francisco Alves / Instituto Nacional do Livro, 1988.

BERGER, Peter L. Pluralismo Global y Religión. In Revista de Estudios Públicos. N° 98. p.05-18, 2005.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Bauru: EDUSC, 2008.

CAMPOS, Roberta B. C. Para Além do Milagre do Juazeiro: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus – Juazeiro do Norte. In: Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V.13, n.1, jan./jun., 2007. p. 161-173.

\_\_\_\_\_. Como Juazeiro do Norte se tornou a terra da Mãe de Deus: Penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar. In Religião e Sociedade. 28(01): 146-175, 2008.

\_\_\_\_\_. Contação de “causos” e negociação da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte - CE. In Etnográfica. 13(1): 31-47. 2009.

COLEMAN, Simon. Do You Believe in Pilgrimage? Communitas, Contestation and Beyond. Anthropologica Theory. 2002; 2; 355-368.

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989.

HERTZ, Robert. A Contribution to the study of the collective representation of death IN: Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural Reader / edited by Antonius C.G.M. Robben, 2004.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido. A religião em movimento. Lisboa: Gradiva, 2005.

GIACOMETTO, Rosana; MARTINELLI, Antonio; RINALDI, Fabio. A família Salesiana de Dom Bosco. Roma: Instituto Salesiano Pio XI, 2000.

GEERTZ, Clifford. Negara – O Estado Teatro no Século XIX – In Memória e Sociedade. DIFEL/Ed.Bertand Brasil, 1991.

\_\_\_\_\_. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

MAUSS, Marcel & DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas (1903). IN: MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória de sentimentos (1921). In: MAUSS: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed.Ática, 1979.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. O Padre Cícero que eu conheci. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Luiz de. Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil – Vol II. Recife: Escola Dom Bosco de artes e ofícios, 1994.

\_\_\_\_\_. Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga – Vol I. Recife: Escola Dom Bosco de artes e ofícios, 2005.

SAHLINS, Marshall (1997). O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. Parte I e II. Mana 3(1): 41-73 e Mana 3(2):103-150.

SILVA, Antenor de Andrade (1982). Cartas do Padre Cícero. Salvador: Escolas Profissionais Salesianas.

\_\_\_\_\_. (1989). Padre Cícero: mais documentos para sua história. Salvador: Escolas Profissionais Salesianas.

TURNER, Victor (2008). Dramas, Campos e Metáforas. Ação simbólica na sociedade humana. Tradução: Fabiano de Moraes. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.